



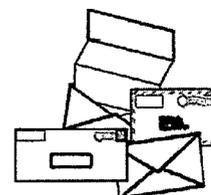
O DESBRAVADOR

ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"



**ADOREMOS O MENINO JESUS
NOS BRAÇOS DE NOSSA SENHORA**

Escrevem os Leitores



Anexo comprovante de contribuição para o jornal "O Desbravador".

EMÍLIA E. HASEGAWA
SÃO PAULO - SP

Anexo o comprovante de remessa bancária para o Grêmio Santa Maria.

Um abraço fraternal.

ALEX NOBREGA LOPO
SANTOS - SP

Gostei muito de "O Desbravador". Por favor, envie-me os números a serem impressos.

Um abraço.

LEVI CAMPOS DE CARVALHO
SÃO PAULO - SP

Venho por meio desta comunicar novamente que mudei de endereço e que gostaria de receber a minha revista no novo endereço.

Já é a terceira carta que envio e até agora não recebi.

Se for por falta de contribuição não se preocupe eu já enviei e tornarei a enviá-la se necessário, mas peço encarecidamente não deixe de me enviar. Assumo o compromisso que assim que receber a revista enviarei a minha colaboração.

ELIANE LOURENÇO DA SILVA
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - SP

Olá! A Paz de Cristo a todos.

Gostaria de parabenizar todos que fazem o jornal "O Desbravador", um jornal religioso de excelente qualidade, com bom conteúdo editorial, que educa e edifica nossa Fé Católica Apostólica Romana. Desde que recebi um exemplar na porta da Igreja, venho sempre acompanhando as edições desta excelente publicação e, gostaria de receber exemplares pelo correio, já que não é toda vez que posso acompanhar a distribuição de "O Desbravador".

Em Jesus e Maria.

EVERTON CALÍCIO
SÃO PAULO - SP



O DESBRAVADOR
PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"

DIRETOR
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO
PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA
PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO
SHIEFFERSON SANDER FERREIRA
MARIA PAULA BRANCO DE MATOS

EXPEDIÇÃO
JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
FRANCISCO JOSÉ BRANCO DE MATOS
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
ROGÉRIO VERÍSSIMO
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

COMPOSIÇÃO
ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"



CORRESPONDÊNCIA
CAIXA POSTAL - 1525
01059 - 970 SÃO PAULO SP
e-mail - odesbravador@uol.com.br

Editorial

Um dia destes, um amigo me disse que se aproximaria uma festa pagã. Assim, ele chamou o Natal, por causa da visão comercial e mundana que muitas pessoas tem, hoje em dia.

Com tudo que possa haver de errado na visão dessas pessoas sobre o Natal, nós não concordamos que seja uma festa pagã, pois na sua essência a comemoração é do Nascimento do Menino Jesus que veio ao mundo para nos resgatar do pecado e nos salvar. Isso é um fato essencialmente religioso e está na essência do Natal.

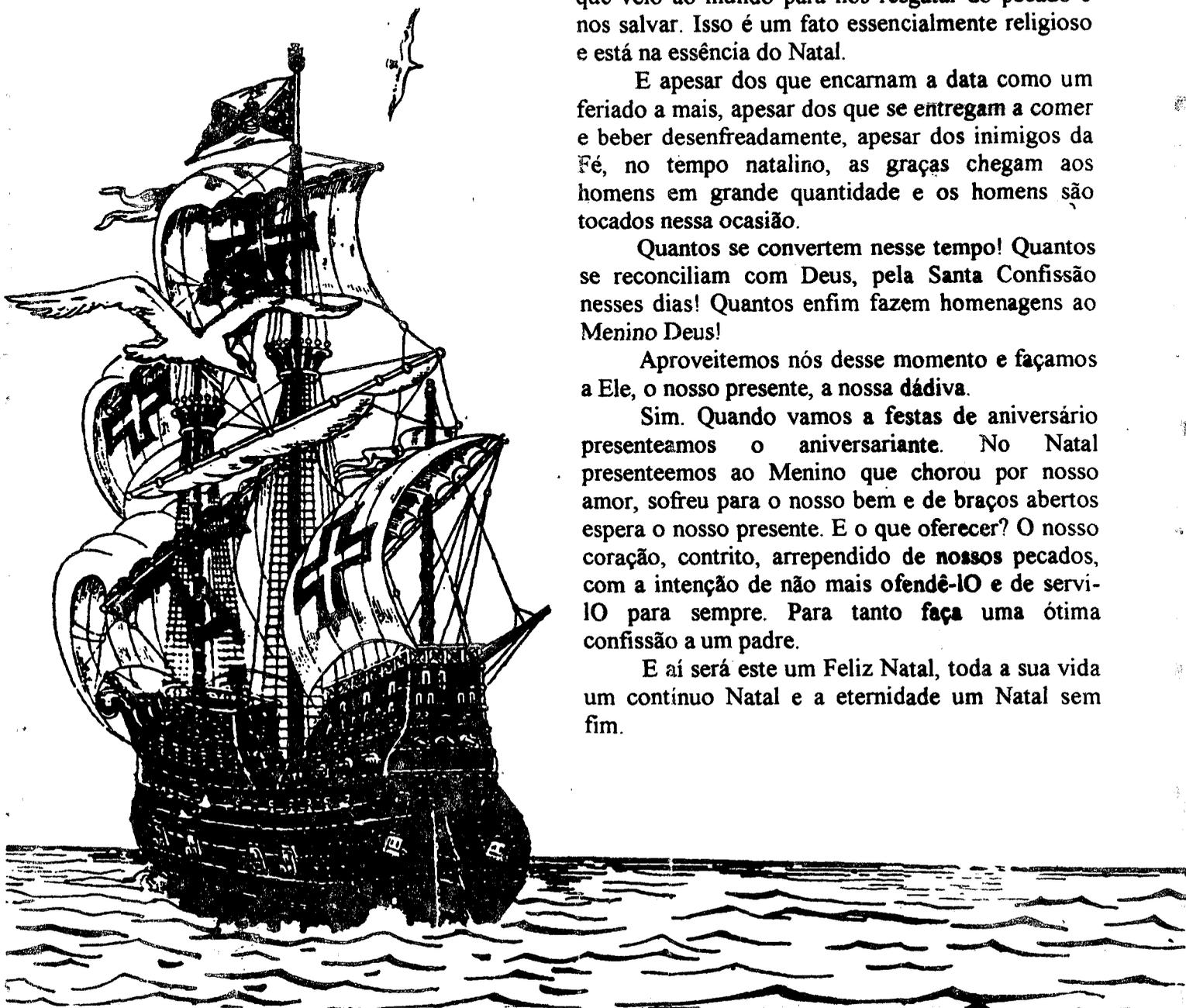
E apesar dos que encarnam a data como um feriado a mais, apesar dos que se entregam a comer e beber desenfreadamente, apesar dos inimigos da Fé, no tempo natalino, as graças chegam aos homens em grande quantidade e os homens são tocados nessa ocasião.

Quantos se convertem nesse tempo! Quantos se reconciliam com Deus, pela Santa Confissão nesses dias! Quantos enfim fazem homenagens ao Menino Deus!

Aproveitemos nós desse momento e façamos a Ele, o nosso presente, a nossa dádiva.

Sim. Quando vamos a festas de aniversário presentecemos o aniversariante. No Natal presentecemos ao Menino que chorou por nosso amor, sofreu para o nosso bem e de braços abertos espera o nosso presente. E o que oferecer? O nosso coração, contrito, arrependido de nossos pecados, com a intenção de não mais ofendê-lo e de servi-lo para sempre. Para tanto faça uma ótima confissão a um padre.

E aí será este um Feliz Natal, toda a sua vida um contínuo Natal e a eternidade um Natal sem fim.



Mitos desfeitos

Perante grande parte da opinião pública mundial prevalecem mitos que são insuflados pelos meios de comunicação e que as novelas de televisão e os filmes do cinema reforçam.

Um desses mitos é aquele que diz que é atrasado defender valores morais, ou então que não se deve combater a AIDS com moralismo. Com isso forma-se, de um lado, uma cadeia de silêncio na defesa de bons valores, e, de outro, um medo da parte de muitos, especialmente jovens, de praticar a virtude.

Desta forma, um moço que quer praticar a castidade, uma moça que quer guardar a virgindade é alvo de mil ataques e falatórios.

Há, de uma maneira sutil, um patrulhamento contra os valores morais, e um ataque contínuo contra a prática das virtudes.

O que é correto é tido como retrogrado, fanático, é alvo de deboches. E as pessoas, em boa parte, embarcam nessa onda.

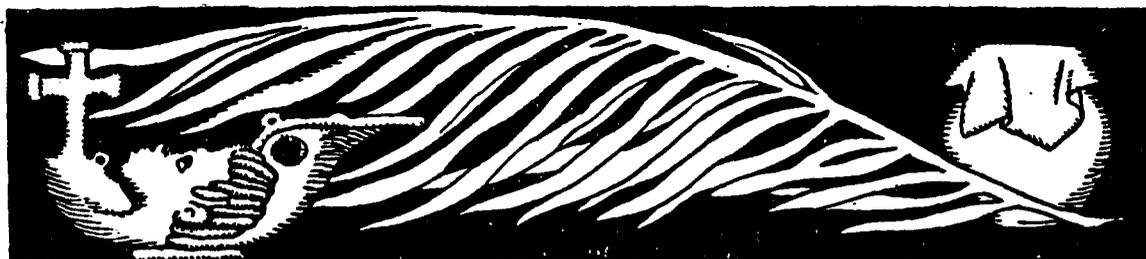
Pois bem, a recente eleição presidencial norte-americana foi decidida a favor do candidato que atacou o aborto, o "casamento" homossexual, com defesa da família tradicional, e combateu a pesquisa com embriões, logo vidas humanas.

Em resumo, defendeu valores morais, e, segundo pesquisas, essa defesa foi decisiva para sua vitória.

Isso demonstra que há lugar para a defesa desses valores e que nem todas as pessoas querem fazer desse mundo um antro de podridão.

Além disso, recente pesquisa entre jovens norte-americanos, mostra que a maioria deles é a favor das pessoas casarem-se virgens. Ou seja mitos são derrubados.

Tudo isso deveria acabar com os mitos e convencer os seus promotores. Infelizmente não foi o que ocorreu. Aconteceu sim uma explosão de ódio e de críticas contra os valores corretos, da parte dos fautores dos mitos.





SÃO CARLOS BORROMEU

Carlos significa: "homem prudente".

Entre os homens extraordinariamente ativos a favor da Igreja e do povo, se sobressai admiravelmente São Carlos Borromeu, um santo que levou muito a sério aquela frase de Jesus: "Quem poupar sua vida, a perde, mas quem a gastar por Mim, a ganhará". Morreu relativamente jovem porque dedicou totalmente sua vida e suas energias para o progresso da religião e para ajudar aos mais necessitados. Dizia que um bispo muito cuidadoso de sua saúde não conseguia chegar a ser santo e que todo sacerdote e todo apóstolo devem ter trabalhos de sobra para fazer em vez de terem tempo de sobra para perder.

Nasceu em Arona (Itália) em 1538. Desde pequeno deu sinais de ser muito

dedicado aos estudos e exato cumpridor de seus deveres de cada dia. Aos 21 anos obteve o doutorado em direito da Universidade de Milão. Um irmão de sua mãe, o Cardeal Médicis, foi nomeado Papa com o nome de Pio IV, e este, admirado de suas qualidades, nomeou Carlos como Secretário de Estado, altíssimo cargo para um homem tão jovem. E contra o que todos esperavam, nosso santo começou a cumprir os deveres de seu novo cargo com uma exatidão que produzia admiração. Parecia incrível a quantidade de trabalho que Carlos conseguia executar, sem pressa nem precipitação, era metódico e sistemático em tudo. Havia conseguido mortificar e dominar seus sentidos, e sua atitude era humilde e paciente.

Era de família muito rica (os Borromeus), e no dia menos esperado, seu irmão maior, a quem correspondia a maior parte da herança, morreu repentinamente ao cair de um cavalo. Muitos pensaram, então, que agora que Carlos era herdeiro de tantas riquezas, deixaria a vida religiosa e se dedicaria a administrar suas imensas posses. Mas foi o contrário. Ele considerou a morte de seu irmão como um aviso, enviado pelos céus, para estar preparado porque, em um dia que não se espera, Deus, por meio da morte, toma conta da gente. Então, renunciou a suas riquezas, se ordenou sacerdote, e logo depois bispo, aí se dedicou por completo em salvar as almas.

Então o Sumo Pontífice Paulo III convidou os bispos de todo o mundo para uma reunião que se chamou Concílio de Trento. Esta reunião havia sido suspensa e era necessário iniciá-la outra vez para a reforma dos meios católicos e de leis que a mantivessem fiel e fervorosa, e São Carlos trabalhou intensamente e obteve de seu tio, o Papa Pio IV, a convocação dos bispos para a continuação do Concílio. Nosso santo foi nomeado secretário geral de tão importante reunião e dali saíram importantíssimos decretos que fizeram imenso bem à Igreja e afervoraram as almas.

Após a morte do Papa Pio IV, São Carlos obteve que o deixassem ir para o cargo que o nomearam anos atrás, mas que não havia exercido por estar trabalhando em Roma, o de Arcebispo de Milão. Aquela cidade não tinha Arcebispo há muitos anos e o relaxamento era muito grande. Mas este homem era incansável para trabalhar e, logo, tudo começou a mudar, a se transformar e a melhorar.

A primeira atitude que fez ao chegar a Milão, como Arcebispo e Cardeal, foi vender todos os luxos do palácio arcebispal e a dar esse dinheiro aos mais pobres. Dizem que para com os fracos e necessitados era extremamente compreensivo. Para com seus

colaboradores era muito amigável e atento, mas exigente. E para consigo mesmo era exigentíssimo e severo. Tinha um encarregado de repartir esmolas, com a ordem de distribuir tudo o que chegava. Alguém lhe propôs que buscasse mais comodidades para que não encontrasse seu leito tão frio no inverno. Ele respondeu: "o melhor para não se dar conta que o leito está muito frio no inverno é descansar tão cansado de trabalhar, que não dá nem para perceber que os lençóis estão muito frios". Um bispo o encontrou estudando, em pleno inverno, com uma batina muito fina e disse: "Assim poderá morrer de frio". E ele contestou: "É a única que tenho e me serve para o verão e para o inverno". Mas para os pobres ele repartia com uma generosidade imensa. E quando chegou a peste, vendeu tudo que havia em seu palácio e até se endividou para ajudar aos enfermos.



Pagava muito bem aos seus empregados e insistia para que tratassem com muito respeito a todo tipo de pessoas, de maneira que todo aquele que chegava ao palácio do Arcebispo se sentia muito bem recebido. Muitos sacerdotes e numerosos bispos iam à hospedaria do palácio de nosso santo, quando estavam de viagem, porque sabiam que ali eram muito bem recebidos e tratados com grande respeito e amabilidade.

O povo de Milão era muito ignorante em religião porque quase não havia quem ensinasse catecismo. São Carlos fundou 740 escolas de catecismo com 3.000 catequistas e 40.000 alunos.

Fundou 6 seminários para formar sacerdotes bem preparados e redigiu, para estes institutos, regulamentos tão sábios que muitos bispos os copiaram para organizar, segundo eles, seus próprios seminários.

Dedicou-se a visitar a cada uma das muitíssimas paróquias que tinha em seu arcebispado, mesmo as mais distantes e abandonadas e em caminhos perigosos. Em cada paróquia dava aula de catecismo e corrigia os erros e abusos que existiam. Se algum sacerdote não se comportava de maneira correta, ele o destituía e nomeava a outro que tivesse comportamento melhor.

Para seus sacerdotes estava decidido a fazer todos os sacrifícios possíveis. Em certa ocasião em que cuidava de um sacerdote enfermo, alguns comentavam que era exagerado em atender a seu clero, e respondia: "Os que criticam, o fazem porque não sabem o quanto vale um sacerdote".



Quis acabar com uma associação que se chamava "Os humilhados", que com o pretexto de dedicar-se à vida espiritual se aproveitavam das esmolas e se dedicavam a uma vida escandalosa. Estes, como vingança, mandaram um matador para assassinar o santo. Estando São Carlos rezando uma noite junto ao altar, o assassino disparou contra ele. Mas a bala passou por debaixo do braço e não lhe causou dano. Em ação de graças por ter se livrado de semelhante perigo, o bom Arcebispo foi, por umas semanas, a um convento de Cartuxos e lá se dedicou a rezar, meditar e fazer penitência. E a associação "Os humilhados" acabou.

Teve o prazer de dar a primeira comunhão a São Luis Gongaza. Quando o Duque de Sabóia estava muito grave foi visitá-lo e, tão logo o santo chegou à casa do enfermo, o duque exclamou: "estou curado", e recuperou a saúde. Em agradecimento, quando São Carlos morreu, o duque mandou pôr um candeeiro de prata junto ao seu sepulcro.

Foi amigo de São Pio V, São Francisco de Borja, São Felipe Néri, São

Felix de Cantalicio, de Santo André Avelino e de vários outros santos.

Quanto tinha apenas 46 anos, sentiu que suas forças diminuía notavelmente e que uma intensa febre o invadia. O Sumo Pontífice Pio V havia recomendado que não jejuasse tanto e que não se desgastasse no trabalho, mas era tarde demais. Dele se podia repetir a frase daquele sábio: "Um santo é um homem devorado: todos têm direito a devorar seu tempo, a devorar seus bens, a devorar até sua saúde, com tanto que ele logre a salvar as almas e conseguir que Deus seja amado e melhor obedecido". Assim se sucedeu a São Carlos e, por isso, morreu em plena juventude.

Na noite de 3 a 4 de novembro de 1548 morreu dizendo: "Já vou, Senhor, já vou". Em Milão, nessa noite, quase ninguém, ante a tremenda notícia de que seu queridíssimo Cardeal Arcebispo estava agonizando. O Secretário do Papa enviou uma mensagem aos sacerdotes de Milão dizendo-lhes: "Pelo Cardeal Borromeu não ofereçam missas de defuntos, mas sim missa de ação de graças a Deus por haver concedido tantas graças e tão grande santidade".

Em Arona, seu povoado natal, foi erguida uma imensa estatua que ainda existe.

Tenha, Deus, piedade de nossas cidades e povoados e nos mande bispos e arcebispos como São Carlos Borromeu. E que este grande santo rogue cada dia porque estamos necessitando de suas valiosas orações.

COMO AJUDAR "O DESBRAVADOR"

BANCO ITAÚ

C / C 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

BRABESCO

C / C 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA

Ou então, envie-nos pelo correio um cheque nominal e cruzado ao Grêmio Santa Maria

QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE

Ave, Maria! Ave, Bernardo!

Nada mais suave para os ouvidos de Maria do que a voz de seus filhos dirigindo-Lhe a saudação angélica: esta saudação faz estremecer-Lhe o Coração, como no dia da Anunciação. O fato seguinte o prova com evidência. O milagre se deu com São Bernardo, um dos mais ilustres servos de Maria.

No meio do século XII, existia nas florestas que separam as Flandres da Bradante, uma ermida de religiosos beneditinos, celebre sob o nome de Abadia de Afligem. Bernardo, percorrendo a Alemanha a pregar a segunda cruzada, foi descansar alguns dias no piedoso convento. Uma estátua de Maria estava no fundo do claustro na grande galeria. Maria, com o Divino Filho nos braços, parecia olhar com ternura para os religiosos que passavam diante dela. Bernardo dirige-lhe a saudação angélica todas as vezes que passava na frente: AVE MARIA! Dizia ele.

Um dia ajoelhou-se aos pés da imagem repetindo com efusão sua saudação favorita, e no momento em que acabava de dizer: AVE MARIA! Da imagem Maria respondeu: AVE BERNARDO! “Eu te saúdo, ó Bernardo!”.

É impossível descrever-se a impressão que estas palavras produziram nos circunstantes e em particular na alma de Bernardo. Estremeceu, como Santa Izabel no dia da Visitação, quando Maria a saudou. “E donde me vem esta felicidade, exclamou Izabel, que a Mãe de meu Senhor se digne visitar-me?”. (Lc 1, 43).

Sem dúvida a alma de Bernardo ouvindo a voz de sua Mãe bem amada, afervorou-se imensamente.

Ao retirar-se, o santo abade de Claraval deixou a abadia à parte superior de seu báculo, como penhor de agradecimento.

A estátua milagrosa conservou-se religiosamente no claustro, até o ano de 1580, época em que foi despedaçada e o convento saqueado pelos protestantes. Dos pedaços recolhidos, fizeram-se duas novas estatuazinhas, à imitação da antiga.

Uma delas venera-se ainda hoje na igreja dos beneditinos de Termonde.





Conto de Natal

O maestro do Coro

Numa pequena cidade austríaca, havia na Igreja matriz, um coro de meninos famosos pela beleza de seu canto. Os meninos só podiam permanecer no coro até completarem 15 anos.

Em fins do século XIX havia ali dois jovens que se distinguiam pela beleza do seu canto e pela virtude na qual viviam.

Um ano, nas vésperas do Natal, o coro ensaiara e Franz e Peter (tais eram seus nomes) conversavam sobre o que fazer da vida, eis que logo atingiriam a idade limite.

Franz diz que recebeu convite do Padre que dirigia o coro, para estudar música e no futuro cuidar da equipe musical e sugere ao Peter fazer o mesmo.

Este diz que é boa idéia, mas que fora sondado por empresários para ser cantor de teatros e de óperas. Franz estremece diante disso pois viu perigos do amigo corromper-se e perder a alma.

Peter disse ao amigo que não temesse. Na noite do Natal, o coro foi brilhante na missa, cantando a Missa breve de Angelis e, antes e depois da cerimônia, bem como no momento da Comunhão cantou canções natalinas internacionais tais como Noite Feliz e o Tu Seendi Dalle Stelle.

Após o Natal foram para casa dos pais e ao voltar para o coro, Franz não encontrou Peter que não voltou mais.

Tempos depois ouve-se falar que Peter era um promissor cantor e fazia imenso sucesso.

O tempo passava. Franz, com a morte do padre assumiu a direção do coro e além de ser exímio maestro ajudava na formação religiosa dos jovens.

De Peter as notícias eram esparsas e longuinquas, mas nada animadoras. O sucesso subira em sua cabeça, o ambiente mundano o dominara e ele naufragara no redemoinho das paixões.

Franz tentou algumas vezes procurar o amigo mas ele não queria ouvir nada de bom. Na última vez que se encontraram, Franz disse que somente um grande castigo tiraria o amigo da vida em que estava. Mais, passou a rezar pela conversão de Peter. Este por sua vez inebriado pelo sucesso só pensava em usufruir da fama que possuía, e gastar a fortuna que ganhava.

E, isso por mais uns vinte anos. Mas, após o que pareciam rosas, vieram os espinhos.

O tempo passando foi fazendo Peter sumir de cena no meio artístico. Não ganhando mais dinheiro foi perdendo "amigos". A fama sumiu, o dinheiro acabou, a doença e a idade chegaram. Doença terrível o prostrou por anos de cama.



Estando perto de 60 anos e voltando a sair de casa, entrou um dia na catedral da cidade e ali, inspirado pela graça, voltou a rezar. Nessa hora, as lembranças de tantos anos a floraram em sua alma.

Voltou à catedral nos dias seguintes, nas semanas seguintes e um dia após anos, voltou a se confessar. Era dezembro.

Chorava a sua infidelidade e ansiava por usar os anos que lhe restavam no serviço de Deus.



Na noite de Natal, vai à Missa do Galo. Chegando à catedral, se confessa e ao terminar de rezar a penitência um padre lhe bate nas costas. Parece um sonho, o Padre era seu velho amigo Franz que trouxe o coro dos meninos para cantar na missa.

Sem conter a surpresa e a alegria, chora junto ao amigo. Como se nada tivesse sucedido, o padre lhe diz: Eu vou celebrar a Missa, você não quer reger o coro e cantar com ele? Ele responde: "Eu não mereço tal graça, foram quase 50 anos de infidelidades". "Não meu caro, Nosso Senhor já o perdoou na confissão e agora retome seu caminho. No céu há mais alegria por um pecador que se arrepende que por 99 justos, que não precisam de penitência".

Ele concordou e o coro pareceu cantar naquela noite como nunca. Pareciam que os anjos cantavam com eles.

Nosso Senhor recebia o filho pródigo trazido de volta por Nossa Senhora.



SÃO BENTO JOSÉ LABRE

Mendigo

Se os mendigos tivessem um santo padroeiro ele seria, com certeza, São Bento José Labre. Desde pequeno era atraído para dominar com a miséria seu corpo, para que a alma ficasse mais livre para voar até Deus. Aos 12 anos usava como travesseiro uma tábua e desde os 16 até sua morte dormia no chão duro. Tanto que o povo o chamava “o santo que dorme no chão”.



Nasceu em Bologne, França, em 1748. Era o maior de quinze filhos de um rico livreiro. Seus pais o colocaram para estudar junto ao um tio sacerdote, o Padre Santiago, que se dedicava todo aos pobres e a quem essa gente chamava “um novo São Vicente”.

Bento José sentia uma enorme inclinação para a leitura da Sagrada Escritura, a ler a Vida dos Santos e livros religiosos. Tanto que seu tio tinha que lhe lembrar que tinha que se dedicar também a estudar outras matérias. Outra de suas inclinações era a da vida afastada do mundo, levava uma vida de orações e de meditações e longe do trato com os demais.

Seu tio sacerdote morreu por atender a enfermos de peste, e então Bento José se propôs a entrar em algum convento aonde a vida fosse totalmente dedicada a orações, silêncio e penitências. Viajando, a pé, centenas de quilômetros, muitas vezes com neve, visitou vários conventos de Cartuxos e de Trapistas (monges em perpétuo silêncio), mas em cada convento lhe

respondiam que a idade mínima para entrar era de 24 anos, e como ele só tinha 20 anos não poderia ser admitido. Por fim, em um convento fizeram uma exceção e o admitiram, mas então lhe chegou a enfermidade de escrúpulos (imaginar que é pecado o que não é) e isso lhe causou terríveis angústias, que o próprio Superior teve que lhe aconselhar que se retirasse, porque seu temperamento não era para viver encarcerado em um convento. Bentobaixou humildemente a cabeça e disse: “Faça-se a santa vontade de Deus” e se afastou meditativo.

Desde então, Bentocomeça uma vida pouco comum. Dispõe-se a conseguir a santidade sendo um perpétuo mendigo, um peregrino errante, de santuário em santuário. Bentose propôs a dedicar muitos anos de sua vida a visitar os santuários mais famosos da Europa, a pé, descalço, pedindo esmola, vestido como um pedinte e dedicado unicamente a rezar, meditar e fazer penitência.

Andava descalço (ainda que em plena neve, pedregulhos ou barro) com um traje velho, descolorido e cheio de remendos. Com um pobre bernal, onde só levava a Imitação de Cristo e um Devocionário para ler os Salmos e outras orações, praticava o conselho de Jesus: “Não leves alforje com provisões, nem dinheiro, nem duas túnicas” (Mt 6,8). Propôs-se a ser um monge errante, um vagabundo de Deus, um ser tão espiritual que, esquecido de seu corpo, viveria da sobra dos outros. Seria para sempre um peregrino errante. Sobre sua camisa remendada levava um escapulário e um crucifixo. As primeiras três noites que esteve em Roma (depois de viajar, a pé e pedindo esmolas, centenas e centenas de quilômetros desde a França) as passou em um albergue de pobres, mas logo lhe pareceu que era luxo demais e, dali em diante, passou a dormir na rua, no canto de

uma porta, debaixo de uma ponte, ao abrigo de uma escada ou em qualquer outro lugar que estivesse ao chegar da noite. Nunca aceitava um leito ou uma cama. O máximo que aceitava era uma poltrona ou uma cadeira para encostar-se. Queria assemelhar-se à Jesus que não tinha nem uma pedra para encostar a cabeça. Sua filosofia era a das aves no céu as quais Deus alimenta e que não vivem preocupadas pelo dia de amanhã, porque Deus Pai sabe muito bem do que necessitamos. As pessoas comuns, ao vê-lo, sentiam desprezo, os orgulhosos até tinham asco, mas as pessoas espirituais sentiam uma profunda admiração.



Como se fora um monge Cartuxo, não falava com ninguém pelo caminho, a não ser que sentisse uma inspiração para dizer alguma palavra espiritual a alguém. Quando lhe davam uma esmola (que nunca pedia) agradecia e buscava a alguém mais pobre para dá-la. Andava por todos esses caminhos da Europa, de santuário em santuário, desde a Espanha até a França, Alemanha, Itália etc., absorto, como que dedicado à contemplação e a falar com Deus. Quando chegava a um santuário passava dias inteiros orando ante a santa imagem. Quando orava ante o Santíssimo Sacramento ou ante um crucifixo passava horas sem se dar conta e às vezes se elevava vários centímetros no ar.

A um sacerdote, que lhe perguntou de que era composto para ser capaz de suportar semelhante vida, disse: "Meu cérebro é composto de fogo para amar a Deus. Meu coração é de carne para poder ter caridade para com o próximo. Minha vontade é de bronze para tratar duramente a mim mesmo".

A outro que lhe recomendou que não dormisse no chão duro, respondeu: "Parece-

me que Deus quer que O sirva desta maneira. Nós, os pobres, dormimos no lugar aonde nos chega a noite... nós que nos acostumamos à pobreza não necessitamos de cama muito cômoda para dormir... além do que é neste modo de viver que sinto mais facilidade para comunicar-me com o bom Deus".

As pessoas o desprezavam e ele não desejava mais nada do que ser depreciado. Mas nunca desprezou os outros como desprezava a si mesmo. Um homem, um dia, lhe deu uma esmola e Bento José se apressou a dá-la a outro mais pobre que ele. Aquele, que havia dado a ele a esmola, achou que era um desprezo e deu-lhe uma chicotada. Bentose deixou golpear sem pronunciar uma única palavra. Em um santuário confundiram-no com um ladrão e o arrastaram do templo até a praça. Ele não se defendeu. Em Gascuña se aproximou para atender a um ferido e as pessoas disseram que havia sido ele quem o atacara e deram-lhe uma surra. Não disse nenhuma palavra. Imitava a Jesus quem, como diz o Evangelho, se calava enquanto o maltratavam.

Era tão fraco e desgastado que, ao dormir enroscado em um canto, as pessoas o confundiam com um cachorro e lhe davam chutes para cair fora.

E quanto mais se humilhava, mais se preocupava Deus em elevá-lo. Seu padre confessor, que no princípio duvidava muito dele, foi se convencendo cada dia mais que se tratava de um verdadeiro santo e foi recolhendo dados para sua biografia. Dom Jorge Zittli, um convertido, viu um dia que Bento José se aproximava de uma mulher que chorava porque seu filho agonizava. Bentodisse: "Deixa de chorar mulher, que teu filho ficará bem", e ao colocar a mão sobre a cabeça do menino, este se curou instantaneamente.

Desde 1777 sua devoção preferida era assistir às “Quarenta horas”, essa bela devoção que consiste em expor a Santa Hóstia, com os paroquianos dedicando-se durante 40 horas a render-Lhe, por turnos, piedosa adoração. Aonde quer que em Roma houvesse as 40 horas, lá estava Bento José, durante os três dias, adorando ao Santíssimo Sacramento. Tanto que as pessoas o chamavam “O santo das quarenta horas”.

O padre Daffini viu Bento em um templo dos Santos Apóstolos, rodeado por um grande resplendor, enquanto adorava à Santa Hóstia. Maria Poeti o viu cheio de resplendores a elevar-se sobre o solo enquanto adorava ao Senhor na Eucaristia. O padre Pompei, Capelão de Santa Maria A Maior, viu que sobre o coração de nosso santo se viam labaredas enquanto adorava a Santa Hóstia.

Nos últimos anos passava dias inteiros, nos templos, orando e às noites ia dormir nas ruínas do Coliseu.

A debilidade o obrigou, em seus últimos dias, a aceitar ser recebido em um albergue de mendigos de Roma, e ali sua obediência e sua piedade chamaram a atenção dos encarregados. Bento era sempre o último a receber sua porção de sopa e, com freqüência, a oferecia a outro que tivesse mais fome que ele.

No início da quaresma de 1783 pegou um violento resfriado e, na Quarta-feira Santa, estava rezando, em um templo, quando caiu desmaiado. Muitos o acudiram e um açougueiro o levou para casa para atendê-lo. Ministraram-lhe a Extrema Unção e na Quinta-feira Santa – 16 de abril – de madrugada, passou à eternidade. Naquela manhã, enquanto os sinos das igrejas de Roma repicavam na cerimônia da Quinta-feira Santa, sua alma voava para escutar os repiques de glória no Reino dos Céus.

Apenas se soube da notícia de sua morte, muitos meninos começaram a gritar pelas ruas: “Morreu um santo! Morreu um santo!”, e uma multidão apareceu para venerar seus despojos e começou uma série admirável de milagres junto a suas relíquias.

Exatamente cem anos depois de sua morte, em 1883, foi declarado santo pelo Sumo Pontífice. Vários volumes de documentos em Roma comprovam sua grande santidade.



D. Bosco abençoava

Era o dia 24 de maio. Festa de Nossa Senhora Auxiliadora. Dom Bosco dava a benção de Nossa Senhora Auxiliadora aos fiéis que lotavam a Basílica. Sempre ocorriam inúmeras curas.

Eis que um aleijado, de muletas, recebe a benção da Virgem das mãos de Dom Bosco e não fica curado.

Chateado, o homem está saindo da Igreja e na porta encontra o padre Lemoyne, secretário de Dom Bosco.

Ao ver o homem saindo de muletas, pergunta: "Veio para obter a cura?", o homem diz sim. "Recebeu a benção de Nossa Senhora Auxiliadora das mãos de Dom Bosco e não ficou curado?". O homem disse que era verdade. O padre Lemoyne disse que não acreditava. "Dom Bosco não dá a benção de Maria Auxiliadora, em vão, volte e peça a ele de novo para abençoá-lo". O homem obedece e, no caminho para o altar, larga as muletas e fica curado.

Certa ocasião Dom Bosco recebia pessoas e dava a Benção de Nossa Senhora Auxiliadora. Eis que chega uma família que iria partir para os Estados Unidos, como imigrantes.

O Santo dá a Benção e ao encarar uma menina da família põe-se a chorar, dizendo que aquela menina trilharia o caminho da perdição, mas que um de seus padres, salesiano, a salvaria do inferno.



Muitos anos depois, por volta de 1930, em um hospital de indigentes, entra um padre, na enfermaria, para dar os Sacramentos aos doentes.

Uma senhora, idosa, ao ver o padre põe-se a gritar dizendo que não quer saber de padres, de confissão etc.

Era a menina da profecia de Dom Bosco. Ao ver a cena, o padre vai até ela e, ao perceber o sotaque italiano, ela pergunta se ele era italiano, ele diz que sim. Pergunta de qual região e ele responde que era do Piemonte (terra de Dom Bosco). Pergunta qual era a sua congregação. Ele diz que era Salesiano.

Ela se lembra das palavras de D. Bosco e se põe a chorar. Naquele mesmo dia confessou-se ao padre, recebeu os Sacramentos e morreu na Graça de Deus. Dom Bosco não falhara.



RIPAX
O PAPEL QUE
CUMPRE O SEU
PAPEL

VOCE SE LEMBR...

Você se lembra da alegria que sua alma sentia, quando você, pequeno menino, olhava para uma rosa que desabrochava?

Você se lembra das brincadeiras infantis, inocentes, que então en-terneciam a sua infância? Lembra-se da corda de pular? das bolinhas de gude? das canções de roda que a ple-nos pulmões você cantava?

Não se lembra como gostava de ver seu papagaio subir ao céu e de safiar os ventos?

Se tudo isto traz lembranças primaveris, mais ainda lhe dá sauda-des a Sua Primeira Comunhão. Você se lembra com que ardor cantava hinos de louvor a Nossa Senhora? Lembra-se também dos terços em família que por essa época se rezavam em sua ca-sa e que você devotamente acompanha-va?

Porque então tudo era alegria e hoje em você há um grande vazio? Não será pelo fato que você despre-za a inocência encantada que sua al-ma possuía?

Ou será que você julga que a infância não volta mais? Eu creio e lhe digo meu jovem leitor que se vo-cê quiser, é possível voltar a ser assim alegre. Para isso reencontre a inocência perdida. Peça a Nossa Se-nhora e Ela fará o prodígio de fazer de novo seu coração um coração de criança...

NO QUE VEMADE VOS DIGO: SE NÃO VOS TORNADES COMO CRIANÇINHAS,

NEIS ENTRAR NO REINO DOS CEUS
EVANGELHO DE JESUS CRISTO, INE 18,3)

LEMBRO-ME...

Mais um Natal se aproxima. Um natal como outros tantos, diferente, vazio, retrato de minha alma durante os últimos anos.

Mas nem todos os natais que já passei foram iguais a esses últimos que tenho "comemorado"... Em outras épocas meu espírito foi diverso, e bem melhor...

Lembro-me por exemplo de um Natal que passei plenamente feliz. Mas naquele ano, o meu ideal constante foi sempre servir. Servir de todas as maneiras possíveis Aquela que sempre foi minha Rainha, Nossa Senhora. Sem dúvida alguma foi o Natal mais feliz de minha vida, porque eu tinha então um grande e nobre motivo para viver...

Ah... eu me lembro de como enfrentava com alegria as dificuldades e os obstáculos que este mundo sem ideal então me apresentava ...

Sim, porque o mundo persegue todo aquele que quer viver uma vida diferente porque boa, oposta a deles porque verdadeiramente católica.

De que maneiras esse mundo nos persegue? Não serão necessárias muitas linhas para contar. É só lembrar das risadas dos "amigos" quando sabiam que aos domingos eu ia para a Missa. Ou quando me encontravam com boas companhias (que hoje não tenho mais), e se apressavam em me debochar... Ou ainda quando o volume do meu terço era notado no bolso de minha calça ou dentro do meu casaco, passando a ser questionado...





A JESUS NOSSA ESPERANÇA

EM JESUS ENCONTRAMOS TUDO O QUE PODEMOS DESEJAR: LUZ, FORÇA, PAZ, CONFIANÇA, AMOR E GLÓRIA ETERNA, POIS É JESUS UM DOM QUE ENCERRA TODOS OS DONS.

Muito injusto para com a vossa misericórdia e amor seria eu, ó meu Jesus, se, depois de ter recebido tantas provas da vossa ternura para comigo e da vossa disposição para me salvar, duvidasse do vosso amor e misericórdia. Amadíssimo Redentor meu, sou um pobre pecador; mas vós dissestes que desceste à terra para buscar os pecadores. Sou um pobre enfermo; mas ao mundo Vós viestes para curar enfermos, porque, dizeis, os que passam bem não precisam de médico. Perdi-me pelos meus pecados; mas Vós viestes salvar os que se haviam perdido.

Que tenho eu, pois, que temer, uma vez que quero corrigir-me e pertencer-vos? Não devo desconfiar-se senão de mim próprio, da minha fraqueza; mas a minha fraqueza e miséria devem aumentar a minha confiança em Vós, que, conforme a vossa mesma palavra, sois o refugio dos pobres, e prometestes escutar os seus desejos. Eis então a graça que Vos

peço, ó Meu Jesus: enchei-me de confiança nos vossos méritos e fazei que não cesse nunca de me encomendar a Deus em vosso nome. Eterno Pai, pelo amor de Jesus Cristo, salvai-me do inferno, ou antes do pecado; pelos merecimentos de Jesus, vosso Filho e Meu Salvador, esclarecei-me para cumprir a vossa vontade, fortificai-me contra as tentações, concedei-me o dom do vosso santo amor; Mas a graça que sobre todas Vos peço é implorar sempre o vosso socorro pelo amor de Jesus Cristo: Ele prometeu que atenderieis a todas as petições de quem quer que as fizesse no seu amor. Se continuo a pedir Vos assim, com certeza serei salvo; mas, se não o faço, certamente me perderei. Ó Maria, obtende-me esta grande graça da oração, a fim de que persevere em me recomendar sempre a Deus, e também a Vós, porque alcançais de Deus tudo quanto desejais.

(SANTO AFONSO MARIA DE LIGÓRIO)